

QUEIRUGA, Andrés Torres – *Repensar a Revelação, Revelação divina na realização humana* (S. Paulo, Paulinas, 2010) 495 p.

Estamos diante da tradução em português editada no Brasil, dum livro cuja primeira edição já tem vinte anos. A tradução actual é feita sobre a edição revista publicada pelas edições Trota (Madrid) em 2008.

A obra dá uma grande importância à diferença entre a apresentação tradicional da Revelação, de que muitos de facto já não se lembram e a apresentação actual do problema. De facto a apresentação tradicional da Revelação ocultava a dimensão subjectiva e histórica optando por uma dimensão abstracta, argumentativa e preferindo uma silogística, segundo o método escolástico, que foi posta em causa pelo Iluminismo. A luta entre racionalismo e a apologética no século XIX, com as consequências que se conhecem no domínio do Magistério foram a triste consequência do uso e abuso dessas alternativas abstractas entre o racionalismo e a apologética. O autor mostra-o bem e é importante insistir neste tema, senão para o ensino de hoje, ao menos para a compreensão dos dislates da apologética e do racionalismo no século XIX.

O capítulo IV detém-se abundantemente, na questão do processo histórico da Revelação sendo a nosso ver o capítulo mais original da obra. Estende-se da página 105 a 162.

O autor começa com a citação de M. Seckler um dos autores mais respeitados actualmente em Teologia Fundamental, quando escreve que "na história do Cristianismo a crítica do Cristianismo limita-se, essencialmente, à época do Iluminismo, e desde então continua permanentemente vinculada ao conceito de Iluminismo."

Esta citação dá o tom a todo o capítulo e com inteira razão. Efectivamente a maioria das teologias fundamentais surgidas recentemente em países latinos – Itália e Espanha, principalmente - ignorando este ponto de partida ou melhor este contexto, resultam muito suaves mas pouco convincentes. Pois foi durante o Iluminismo que apareceu a questão do estatuto actual da fé diante da razão e este é o projecto da Teologia Fundamental.

Na linha dum bom ponto de partida para a resolução do problema fé - razão, cita o autor o contributo da Escola Católica de Tübingen, de Newman e Blondel, para se fixar no problema da apropriação subjectiva e da maiêutica histórica da revelação percorrendo, com esta categoria, soluções propostas por vários autores.

O capítulo V trata dos lugares onde a revelação acontece de modo originário: na natureza, na história, na existência individual, para depois passar ao acolhimento e realização humana da revelação. Trata-se dum capítulo importante porque lida com as categorias da revelação, completado pelo capítulo VI, sobre a perspectiva escatológica.

O capítulo VII e VIII tratam da universalidade da revelação cristã e da relação desta com as culturas, dois temas afinal afins.

São a nosso ver, os capítulos menos elaborados do tratado, pois são ainda talvez muito devedores à primeira edição. Ora se há matéria em que se avançou muito depois do Concílio, foi, justamente no diálogo inter-religioso e mais ainda nos aspectos relacionados com a Revelação nas grandes religiões, ou seja a questão da inculturação.

Estamos diante duma obra sistemática que nos dias de hoje talvez já não se devesse chamar repensar, mas apenas pensar a revelação. Que para o fazer se serve duma ampla bibliografia e do percurso de reflexão que desde o Iluminismo percorreu a Teologia.

Arnaldo de Pinho